



A ação do Estado na recuperação do patrimônio cultural da área central da cidade de São Paulo¹

Autor: Sênia Bastos

Instituição: Universidade Anhembi Morumbi

Resumo

Essa comunicação tem por objetivo refletir as práticas de reorganização do centro histórico da cidade de São Paulo, destacando-se a importância da valorização da história, da identidade e da hospitalidade nesse processo. Destaca-se a problematização da ação do Estado ao que se refere aos programas de revitalização e requalificação que são adotadas para a preservação do patrimônio cultural da região. Resulta dessa reflexão a constatação da falta de interação do morador com o patrimônio cultural paulistano e o comprometimento da sua afetividade com o centro histórico.

Palavras-chave: Hospitalidade; Patrimônio cultural; Turismo; Revitalização; São Paulo.

O patrimônio da cidade de São Paulo

O morador reconhece o patrimônio da sua cidade na medida em que este alcança o *status* de um lugar de memória, de pertença, compõe sua história e integra sua cultura: monumentos, edificações, logradouros que abrigam feiras, festas e encontros cotidianos.

As áreas centrais de nossas cidades apresentam grandes concentrações de bens culturais, todavia, para constituir-se lugar de memória faz-se necessário a reabilitação do espaço urbano, a restauração das edificações, das obras de arte e dos logradouros, a adoção

¹ Trabalho apresentado ao NTU = NP Comunicação, Turismo e Hospitalidade, do VI Encontro dos Núcleos de Pesquisa da Intercom



de um programa que altere o processo de reprodução da economia local, requalificando-a e desenvolvendo um programa de turismo que garanta a sua sustentabilidade.

Parte da região central da cidade de São Paulo encontra-se protegida pelo tombamento², quer por seu caráter histórico³ quer por constituir um documento arquitetônico⁴ o que de certa maneira contribui para sua preservação. Reúne museus, centros culturais, edificações religiosas e históricas, bibliotecas, cinemas, teatros, ruas de comércio especializado⁵, *shopping centers*, galerias, feiras, sebos e restaurantes tradicionais, tais como o Terraço Itália e o Bar Brahma.

Requalificação e revitalização: a ação do Estado na recuperação da área central

O centro histórico da cidade de São Paulo tem sido alvo da ação de diversos planos de recuperação, por parte do poder público e da iniciativa privada. Programas de revitalização e de requalificação se alternam constituindo apenas uma variação semântica, pois na prática nota-se a ausência de um projeto permanente que valorize o seu patrimônio histórico e cultural.

A reurbanização do Anhangabaú, a restauração de edificações de valor histórico, a recuperação das vias públicas, a proibição da permanência de camelôs nos viadutos do Chá e de Santa Ifigênia, isenção do imposto predial para os imóveis tombados com fachadas em perfeito estado de conservação, entre outros, conduzem tais ações para a valorização do patrimônio histórico da cidade. Todavia, a alteração de uso e do significado simbólico de

² O tombamento foi instituído pelo Conselho Municipal do Patrimônio Histórico, Cultural e Ambiental da cidade de São Paulo - COMPRESP

³ O principal vestígio dessa primeira ocupação é o Pátio do Colégio, onde se realizou-se a primeira missa em 1554, seguindo-se a instalação de um centro de catequese. Da construção original resta apenas uma parede de taipa de pilão. Cabe destacar, todavia, que tais referências não se encontram interpretadas de forma a esclarecer o visitante sobre tal aspecto.

⁴ Destacam-se o Banco São Paulo, Bolsa de Mercadorias & de Futuros, Edifício Banespa, Martinelli, Bovespa, Banco Francês e Italiano, Centro Cultural Banco do Brasil, Casa nº 1, Solar da Marquesa, Conjunto Cultural da Caixa, Faculdade de Direito da USP, Teatro Municipal, Shopping Light, viadutos do Chá e Santa Ifigênia, igrejas de Santo Antonio, do Carmo, Catedral da Sé, Mosteiro de São Bento, entre outros.

⁵ No perímetro analisado destacam-se as ruas 25 de Março (comércio popular) e Santa Ifigênia (eletroeletrônicos).



determinados edifícios e logradouros comprometem a experiência e a identificação dos moradores com tais bens.

O envolvimento do morador com o patrimônio deve ser estimulado incorporando-o ao cotidiano de forma compreensível. Programas de educação patrimonial são apontados enquanto estratégia para envolver os moradores com sua história, motivando a apropriação de seu passado e o exercício da cidadania. A interpretação do patrimônio deve ser um processo compartilhado com o morador, cuja aproximação inicial a tais locais pode ser favorecida com a realização de atividades de entretenimento e lazer em suas instalações ou proximidades.

A hospitalidade inscreve-se nesse contexto de valorização da memória e da história, no processo de tradução dos percursos diários na cidade de forma compreensível.

O centro histórico da cidade de São Paulo

A área central caracteriza-se por uma ocupação de intenso dinamismo no horário comercial, de segunda a sexta, e de grande esvaziamento após às 20h00 e aos finais de semana. Curiosamente, até mesmo determinados acessos dos terminais de ônibus e das estações do metrô, ficam fechados nessas ocasiões, em nome da segurança dos demais usuários. A interação de seus usuários tradicionais com os bens culturais nas horas de não trabalho é dificultada pelo horário de funcionamento dos espaços culturais da região, que também seguem o mesmo período de vitalidade do comércio, escritórios e prestadores de serviços: das 9h00 às 18h00.

Nas brechas de encerramento das atividades formais, as ruas são totalmente ocupadas por vendedores ambulantes, cantadores, mulheres que tiram a sorte, pregadores do evangelho, desempregados, prostitutas, moradores de rua e curiosos. Ou seja, por usuários que se quer segregar nas periferias longínquas, a fim de recuperar para a localidade os setores médios e incrementar a visitação de turistas.

Para motivar a visitação por setores sociais privilegiados e incrementar a vitalidade de ocupação dos prédios, parte das edificações públicas encontram-se em um processo de



alteração de uso, transformando-se em centros culturais e a centralização de importantes secretarias dos governos municipais e estaduais, com a presença do prefeito e do governador na região.

As instituições culturais existentes na região, todavia, não dispõem de uma programação integrada que se destine aos frequentadores habituais da área central, com atividades concebidas para a sua fruição e entretenimento nos seus espaços usuais de ocupação. Os programas de revitalização ou requalificação, por sua vez, não alcançam essa vitalidade de uso do espaço e os planos prevêem a exclusão desses usuários das áreas recuperadas. Nesse sentido, destaque-se a necessidade de um projeto fundamentado em uma legislação que defina os parâmetros de intervenção na área central, com a preocupação de coibir programas de expulsão de seus usuários tradicionais.

Privilegia-se a facilitação de acesso dos veículos, investimentos no mercado imobiliário com a conversão de edificações comerciais em prédios residenciais, racionalização dos transportes públicos, melhoria da segurança, programas de renovação ambiental e paisagística em detrimento a requalificação dos moradores de rua e vendedores ambulantes, relegados a segundo plano nas ações estratégicas de reorganização da região central. Raras são as iniciativas de inserção social dessa população, integrando-as a atividades remuneradas que revertam em melhoria da qualidade de vida .

Iniciativas no sentido de demarcação de espaços legais para a realização do comércio ambulante redundam em fracassos subsequentes. Existe uma permanência histórica da atividade na região: inicialmente comercializava-se nas vias de acesso e área externa do mercado municipal, então localizado na rua Vinte e Cinco de Março, nas proximidades da rua General Carneiro, produtos de consumo imediato, uma vez que a tecnologia de armazenamento de perecíveis era precária. Carrocinhas circulavam pelas ruas, entregando gêneros de porta em porta. Demolido o edifício, o terreno foi convertido em uma praça ajardinada, hoje intensamente ocupada por vendedores que comercializam toda sorte de produtos típicos das diferentes regiões brasileiras, bem como artigos importados e ou pirateados, que sugerem a prática de contrabando, sonegação fiscal e ausência de obrigações trabalhistas.

O uso desorganizado do espaço, com a presença de coberturas improvisadas, ausência de sistema de depósito do lixo e o grande número de vendedores em áreas restritas



comprometem a circulação dos pedestres, tornando-se uma verdadeira batalha a circulação por esses locais.

O morador e o centro da cidade

Para muitos moradores do município de São Paulo ir ao centro histórico constitui um acontecimento: vai-se à cidade. Com uma população estimada em 10 milhões de moradores, determinados bairros distam mais da área central do que de alguns municípios vizinhos.

O patrimônio do centro histórico da cidade de São Paulo caracteriza-se, sobretudo, por edificações que foram preservadas no sentido de legar ao futuro determinadas modalidades arquitetônicas ou marcos históricos, independentemente de sua importância social.

Alvo de diferentes projetos de reforma urbana, a cidade colonial teve suas ruas alinhadas e retificadas de forma contínua nas duas últimas centúrias, o que comprometeu a permanência da diversidade arquitetônica e sua relação harmônica com os logradouros públicos. Quer em decorrência da inspiração no modelo urbanista europeu, que inviabilizava a permanência de ruas estreitas e sinuosas, quer pela opção do poder público pelo transporte de veículos particulares e, conseqüentemente, a demanda por abertura e alargamento de suas avenidas para escoamento do tráfego, a gestão de seu patrimônio foi tratada de forma centralizadora e sem participação popular. Em meio a esse processo, muitos imóveis foram desapropriados e demolidos em nome da coletividade, desconsiderando-se a relação familiar e afetiva porventura existente.

A diversidade cultural da cidade materializa-se na constituição de áreas de forte concentração étnica, como é o caso dos bairros dos imigrantes orientais, judaicos, italianos e árabes, que gradativamente vão sendo influenciados por nordestinos, mineiros, nortistas e, recentemente, coreanos e bolivianos, alterando sua tessitura social e arquitetônica. Identidades diferenciadas permeiam a trama urbana, configurando-se em recurso atualmente valorizado pelos programas de exploração turística.



Vai-se ao centro em virtude de um sistema de transportes pouco objetivo que mantém linhas de ônibus centralizadas na região desde o período imperial, quando não havia vias de ligação entre os bairros e todos os caminhos conduziam ao triângulo histórico.⁶ Apesar do metrô, o circuito dos ônibus de passageiros reproduz o mesmo traçado, sem objetivar a distribuição das linhas, que em concorrência aos veículos particulares, congestionam as principais vias de circulação a qualquer hora do dia. Os pontos iniciais localizam-se, sobretudo, nos arredores das praças da Sé e República, e nos terminais urbanos no parque Dom Pedro e praças da Bandeira e Princesa Isabel.

Neste passeio induzido, poucos se detêm a contemplar as edificações que se descortinam no percurso diário em decorrência da má-conservação das fachadas, sobreposição de anúncios publicitários, ausência de informações sobre os bens, problemas na sinalização e as diferentes modalidades de poluição.

O envolvimento com o patrimônio, todavia, pode se estabelecer na medida em que ele for incorporado ao cotidiano de forma compreensível. Um dos recursos possíveis é a mediação da memória: o passeio pelo centro ganha colorido quando compartilhado por antigos moradores da cidade. Rememoram acontecimentos, identificam edificações inexistentes, apontam peculiaridades de tempos idos: o antigo cinema hoje convertido em espaço religioso em virtude do novo uso, os logradouros que teve seu desenho alterado, obras de arte removidas a fim de intensificar o tráfego local. A narrativa marcada pela recordação vem carregada de emoção e o passado ganha coloração positiva. A paisagem é reorganizada e fica a indagação: teria sido melhor?

Atualmente um programa de visitação com charrete retoma uma antiga aceleração, o trote que permite a contemplação da paisagem nos finais de semana, tal como os passeios oferecidos nos centros históricos das cidades americanas: simulacros.

Em muitos casos o morador é informado sobre o seu patrimônio, ou seja, não participa do processo de identificação deste. Os técnicos da preservação e o poder público (quer municipal, estadual ou federal), legitimados pelo saber científico e político, inventariam os bens a partir de perspectivas externas aos moradores, priorizando, sobretudo, determinados partidos arquitetônicos, bens de maior significado histórico, ou áreas específicas em decorrência da pressão de determinados grupos econômicos.

⁶ O triângulo histórico é formado pelas ruas Direita, XV de Novembro, São Bento e adjacências.



O patrimônio cultural eleito por esta metodologia gera distanciamento, o morador não o identifica como expressão de seu passado ou como bem coletivo que deve ser apropriado. Em muitos casos, para despertar o interesse sobre ele, usa-se o conceito de escassez ou a figura do tombamento. O bem ganha *status* de importância porque é raro (Limón Delgado, 1999), por sua vez, o tombamento não confere valor cultural ao bem, conforma-se uma medida de proteção administrativa. Como resultado de tais ações pode-se afirmar que não garantiram sua conservação ou a identificação com o morador.

A comunidade tem dificuldades em reconhecer o seu patrimônio cultural, mas é ela que deve indicá-lo. Para facilitar o processo tem se verificado a estratégia de incluir o patrimônio nas atividades recreacionais da própria comunidade, com a reorientação de atividades e alteração de usos de edifícios. Planejamento, gestão e análise dos produtos oferecidos devem visar o controle de resíduos, da deterioração das edificações e do entorno em virtude da presença freqüente de visitantes.

Parte das manifestações simbólicas de São Paulo desapareceu sem nunca ter sido analisada ou documentada. Perderam-se no tempo. O patrimônio é uma construção social, depende do grupo, do período histórico, das questões ideológicas que permeiam a patrimonialização e a visão de identidade que está sendo construída contemporânea a esse processo.

A falta de interação do morador com o patrimônio cultural paulistano promove dificuldades para a implantação do turismo. A cidade sequer está preparada para o morador, não há interação com o passado, lugares de memória não se encontram interpretados e a acessibilidade aos bens não tem sido trabalhada. A concentração de atividades de tendência universalizante, sem relação com a identidade de seus moradores, o amplo processo de eliminação do uso residencial, constituem fatores responsáveis pelo comprometimento da afetividade com o centro histórico.

Referências.

ALBANO, Celina e MARIS, Stela. **Interpretar o patrimônio um exercício do olhar**. Belo Horizonte: Território Brasilis/Editora UFMG, 2002.



DENCKER, Ada de Freitas Maneti (coord.) **Planejamento e gestão em turismo e hospitalidade**. São Paulo: Thomson, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs.). **Hospitalidade: cenários e oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: reflexões e perspectivas**. São Paulo: Manole, 2002.

FRÚGOLI JÚNIOR, Heitor. **Centralidade em São Paulo**: trajetórias, conflitos e negociações na metrópole. São Paulo: Cortez/Edusp, 2000.

GARCIA CANCLINI, Nestor. Los usos sociales del patrimonio cultural. In: AGUILAR CRIADO, Encarnación. **Patrimonio etnológico**: nuevas perspectivas de estudio. Consejería de cultura. Junta de Andalucía, 1999.

PRATS, Llorenç. El concepto de patrimonio cultural. **Política y sociedad**. Madrid, 27, 1998 (pp. 63-76).

VENDRAMINI, Larissa Ferraz Vendramini. **Hospitalidade e visitação no Centro Cultural Banco do Brasil da cidade de São Paulo**. São Paulo, Universidade Anhembi Morumbi (Dissertação de Mestrado – Hospitalidade), 2006.